

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL**

DIRCÉLIA APARECIDA TABORDA

**REPRESENTAÇÕES DE ENGAJAMENTO SOCIAL EM POEMAS DE
THIAGO DE MELLO, VINICIUS DE MORAIS E CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

TRABALHO DE MONOGRAFIA

CURITIBA

2012

DIRCÉLIA APARECIDA TABORDA

**REPRESENTAÇÕES DE ENGAJAMENTO SOCIAL EM POEMAS DE
THIAGO DE MELLO, VINICIUS DE MORAIS E CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

Trabalho de monografia do curso de Pós-graduação de Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito na obtenção de aprovação.

Orientador: Prof^o. Dr. Juarez Poletto.

CURITIBA

2012

RESUMO

A presente pesquisa analisa a literatura engajada como meio de um despertar social e como produto histórico em alguns poemas da literatura brasileira no Modernismo e Pós-Modernismo, tendo como apoio as reflexões históricas de Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, a obra *O ser e o tempo da poesia*, de Alfredo Bosi, além do conceito de engajamento de Sartre e a função social da poesia de Eliot. Entende-se o fazer poético como uma realização estética, mas também como um instrumento de reflexão, combatente das desigualdades sociais, elemento politizador e construtivo do indivíduo que o torna consciente do seu meio e participante da história. Analisamos nos poemas as angústias sociológicas, as fragilidades perante a sociedade, as fugas como forma de protesto e a resistência da poesia às barbáries. No poema “Estatutos do Homem”, de Thiago de Mello, “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes e o poema “E agora José?”, de Carlos Drummond de Andrade, a poesia nos traz um elemento de resposta dos poetas aos sistemas existentes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura; Poesia engajada; Thiago de Mello; Vinicius de Moraes; Carlos Drummond de Andrade.

ABSTRACT

This research analyzes the engaged literature as a means of social awakening and as a product in some poems history of Brazilian literature in modernism and postmodernism, with the support of historical reflections Antonio Candido, in literature and society, the work being and time of poetry, by Alfredo Bosi, beyond the concept of engagement of Sartre and the social function of Eliot's poetry. "The poetic as an aesthetic achievement making, but also as an instrument of reflection, combatant social inequalities, politizador and constructive individual element that makes it aware of its surroundings and participant in the story. Discussed in sociological, angst poems the weaknesses before the society, leakages as form of protest and resistance of poetry on the barbarism. In the poem "Statute of Man", Thiago de Mello, "Laborer in construction", by Vinícius de Moraes and the poem "And now Joseph?" by Carlos Drummond de Andrade, poetry brings us a response element of poets to existing systems in society.

KEYWORDS:

Literature; Poetry engaged; Thiago de Mello; Vinicius de Moraes; Carlos Drummond de Andrade.

Dedico este trabalho ao meu esposo João
Carlos pelo companheirismo,
compreensão e pelo incentivo nos
momentos difíceis.

Aos meus filhos Camila, Thiago e Felipe
pelos momentos de ausência e por
acreditarem nas minhas potencialidades.

Ao meu genro Alysso pelo apoio e
paciência na ajuda prestada e trocas de
ideias durante o processo de elaboração
do trabalho.

Agradecimento

Agradeço a todos os professores do curso de pós-graduação pelo conhecimento partilhado e toda a atenção que nos foi destinada.

Agradeço especialmente ao meu orientador o Prof.^o Dr. Juarez Poletto pela dedicação, prontidão, sabedoria e enriquecedora contribuição durante a execução deste trabalho.

A Secretaria da Pós-Graduação, pela cooperação.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria impossível vencer esse desafio.

“É a função do poeta: nomear o inominável, apontar as fraudes, tomar partido, despertar discussões, dar forma ao mundo e impedir que adormeça”. (RUSHDIE, Salman, 1990)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONTEXTO CULTURAL, POLÍTICO HISTÓRICO.....	16
3 . “E AGORA JOSÉ?”.....	22
4. “OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO”.....	26
5. “ESTATUTOS DO HOMEM.....	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERÊNCIAS	36

1.INTRODUÇÃO

A linguagem poética tem tentado configurar o mundo através de signos e significados, musicar e ritmar palavras de maneira transformadora, sempre com a força de uma orientação ideológica e com um jogo criativo e inteligente de alertar a atualização histórica dos indivíduos sociais. As inquietações sobre a sociedade tornam-se eixos temáticos de acordo com o contexto histórico vivido por cada poeta. Mas antes de tudo, segundo Hegel, a poesia: “É exatamente a liberdade da produção e das configurações que fruímos na beleza artística.” (1974, p.15) Ou ainda: “essencialmente uma pergunta, uma interpelação que ressoa um chamado aos ânimos e aos espíritos.” (1974, p.17). Portanto, a poesia deve tributo primeiramente à beleza estética, já que é produção artística, mas se é interpelação, chamado, ela também é uma convocação e tem expectativa de reação, logo, se propõe como interferência na vida.

É por meio da poesia que percebemos o comprometimento dos poetas com o tempo presente, com a descrição histórica e social, mas também com as suas reflexões sobre o que vive interna e externamente, o seu ver e ouvir social, a sua maneira pessoal de corporificar a poesia do fora e dentro de si, longe e perto dos problemas e desigualdades, gerando poema e visão de mundo numa mistura transformadora, transfiguradora. Na obra “O ser e o tempo da poesia”, de Alfredo Bosi, a poesia se dá como um sentimento do tempo: “um movimento da alma que vai do presente do “eu” lírico para o pretérito, e daí retorna, presentificado, ao tempo de quem enuncia.”(2000, pág.185)

Há ainda o fator “resistência” da poesia que pode revolucionar, quando resiste ao tempo e ao sistema a que está submetido, quando ecoam vozes daqueles que estão esquecidos na história, desprezados sociais, marginalizados. Ainda na obra de Alfredo Bosi, há o relato de que a resistência tem mais de uma face. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido; ora a melodia dos afetos em plena defensiva; ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida.

Alfredo Bosi crítico e historiador literário, ensaísta e professor. Realizou seus estudos em colégios públicos. Em 1955 ingressou no curso de letras neolatinas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - FFCL/USP. Obtida a licenciatura, fez o curso de especialização em literatura brasileira, filologia românica e literatura italiana. Em 1961, foi para Florença, Itália,

com bolsa do governo italiano. Frequentou a faculdade de letras da universidade local, e estudou filosofia do Renascimento e estética. De volta ao Brasil, organizou e prefaciou, com Nilo Scalzo, as Poesias de José Bonifácio e escreveu duas teses que permanecem inéditas: "Itinerário della Narrativa Pirandelliana", em 1964, e "Mito e Poesia em Leopardi". Paralelamente, entre 1963 e 1970, escreveu na seção "Letras Italianas" do suplemento literário de "O Estado de S. Paulo". Em seguida, aproximou-se do principal objeto de seus estudos, a literatura brasileira, com "O Pré-Modernismo" e a "História Concisa da Literatura Brasileira". Após a publicação deste último, transferiu-se para o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, e assumiu a cadeira de literatura brasileira, da qual se tornou titular em 1985. Politicamente, participou de grupos militantes dos anos 1970, atuando em Osasco, São Paulo, ao lado de pastorais operárias. Em 1988, lançou "Céu e Inferno", que fundiu seus interesses revelados em estudos das literaturas brasileira e italiana. Seu livro "Dialético da Colonização", de 1992, traduzido para o espanhol e francês, mostra a amplitude de um olhar crítico que vê a literatura e sua hermenêutica dentro de um panorama amplo, transformando a história da literatura em análise profunda da sociedade brasileira. Na obra "Literatura e Resistência", publicado em 2002, apresenta um padrão predominante em suas análises críticas: o reconhecimento da grande literatura como ruptura aos modelos da ideologia dominante. Embora a importância de seu trabalho gere convites para lecionar em diversas instituições, como a École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, onde efetivamente atua em 1993, 1996 e 1999, é na USP que progrediu sua trajetória acadêmica, encarregado de atividades administrativas e culturais. Integrou o conselho da editora universitária, editou a revista Estudos Avançados, participou da direção do Instituto de Estudos Avançados - IEA, entre 1997 e 2005. Coordenou a Comissão de Defesa da Universidade Pública, em 1998 e 1999, e presidiu a Comissão de Ética da USP em 2002. Desde 2003 ocupa a cadeira número 12 da Academia Brasileira de Letras - ABL.

Para Alfredo Bosi, a atividade literária, assim como toda obra de arte, ultrapassa toda especificidade individual e se torna um instrumento de enorme importância para a formação e a caracterização da cultura de um povo. Professor catedrático, ensaísta e historiador literário, Alfredo Bosi é em primeiro lugar um fino analista da sociedade brasileira. Seus ensaios e livros não se limitam ao exame do

alcance literário propriamente dito a que chega uma obra, embora também sejam ilustres nesse sentido; seu objetivo é também e principalmente ressaltar o papel cumprido por essa obra dentro de suas determinações culturais, históricas e sociais. Essa abordagem culturalista quer situar obra literária dentro do seu tempo, sujeita, como no caso dos autores contemporâneos, a um ultra-modernismo que visa transformar todo objeto em mercadoria descartável. Assim, o papel da obra de arte moderna (ou pós-moderna) também é o de apresentar resistência a esse consumismo devorador.

Por isso o valor poético na literatura de engajamento social se torna histórico quando o eu lírico do poema transparece em seus versos a constante busca sob suas inquietações, seus questionamentos enquanto ser social. Assim, considera-se a literatura engajada um fortíssimo instrumento de fazer história e sociedade e que vinculamos ao fazer poético politizado e comprometido com os seres sociais inseridos em seus meios e contextos, participantes ativos e transformadores da sociedade.

Vale salientar que a poesia engajada se deu no sentido de mostrar a arte preocupada com temas de realismo social, um estilo que é anterior ao Surrealismo, ao Cubismo, ao Dadaísmo, estilos de origens modernistas, que não eram considerados anti-burgueses pelos socialistas, mas arte burguesa, por ser fruto do mundo burguês. Vale lembrar também que poesia engajada não significa menos comprometida com a estética e com os requisitos que lhe dão o estatuto de arte, até porque não há arte não engajada, já que toda arte é fruto do homem inserido em seu tempo. Há artistas e poemas mais objetivamente voltados para questões que angustiam pelas desigualdades sociais que revelam, mas isso não é outra coisa que a escolha do artista de abordar o mundo e seu olhar sobre ele de um ângulo que é, em última análise, fruto de uma escolha do artista.

A proposta deste estudo é analisar os poemas “Estatuto do homem”, de Thiago de Mello (1964), “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes (1956) e o poema “E agora José?”, de Carlos Drummond de Andrade (1942), poemas da literatura brasileira pelos quais podemos nos remeter ao contexto histórico e social sob um viés das lutas de classes desenvolvidas num meio capitalista, após a crise de 1929 e pela desigualdade gerada por este sistema ou ainda pela repressão

estampada na ditadura militar, quando era considerado subversivo qualquer um que ousasse pensar em liberdade.

Caracterizamos esses poemas como elementos de reflexão, pois problematizam posições sociais consolidadas, levantando questionamentos sobre e o objeto material que a palavra para chegar ao leitor é comprometida, pois faz movimento de mobilização poética e indagações sobre a sociedade e os acontecimentos.

O poema de Thiago de Melo “Estatuto do Homem” nos traz questionamentos e reflexões sobre a liberdade de expressar ideias, liberdade esta tirada em meio a “Ditadura Militar” pós 1964. Carlos Drummond de Andrade em “E agora José?” indaga a realidade social da época de um homem que se perde em seus anseios de modernidade e busca pessoal e não se encontra devido ao vazio social ao qual foi inserido. Vinícius de Moraes busca, através de seu poema “Operário em construção”, indagar um regime capitalista que engoliu a sociedade, e onde o operário não entende que a modernidade não lhe trouxe nada além de escravidão por meio do trabalho.

A busca constante de respostas aos assuntos sociais, a inquietação dos poetas perante os sistemas e as manipulações do poder, a solicitação constante da consciência original do ser social enquanto participante histórico e inovador da sociedade são propostas temáticas presentes nos poemas citados. A relevância se dá à temática por se tratar do quanto se faz necessária a busca humana na poesia como vínculo com a vida e testemunho histórico, pois o poema transparece as inquietações e questionamentos do homem sobre o seu presente as aspirações em relação ao futuro, assumindo a forma de interrogação social sobre os anseios e desejos de resistir ao que está impregnado em cada ser social como uma espécie de ideologia dominante.

O fazer poético engajado tem esta finalidade, a de provocar as inquietações históricas, examinar o tempo da sociedade e seu contexto para criticar e debater as mudanças que possam estimular o homem como ser sociável e participante da sociedade a que pertence.

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora

suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema. (BOSI,2000, p.13)

Portanto a poesia se torna parte relevante da sociedade e da história como um instrumento literário de compromisso com o registro da realidade do contexto histórico por vezes através da ironia fina, lúcida, calma, sempre filtrada pelo olhar do poeta, numa linguagem flexível e riquíssima na dimensão humana e social. Porém, ela não tem a missão de corrigir o mundo nem mesmo crê que tenha essa função, pois o poeta deve despertar emoções, transpor ideias e ideologias, comprometer-se socialmente, politicamente diante das injustiças. Além disso, o poeta é um ser social e sua produção cultural é também uma produção histórica, portanto não negar a característica da obra poética de função social. Mesmo quanto menos aponta claramente para o social, ali estão seus princípios, e mais eficientemente esse tipo de arte representa a sociedade em si, com seus valores éticos, morais e sociais, seu fazer político, seu engajamento. Se mais explícita socialmente, se é arte, não deixa de ser poesia lírica.

Nosso objetivo neste estudo é demonstrar que a poesia tem a função social de conscientizar, provocar reflexões e indagações sobre os valores sociais de cada tempo em cada poema escolhido. Também almejamos provar que a poesia resiste à ideologia dominante de seu tempo possibilitando a permanência de questionamentos e busca por outras respostas que sustentem os valores sociais.

Para Eliot, a poesia, além de ter intenções específicas, tem nela a comunicação de experiências novas, expressões de coisas que sentimos para as quais não temos palavras, portanto ela amplia nossa conscientização ou apura nossa sensibilidade. Além disso, para ele nenhuma arte é mais obstinadamente nacional do que a poesia. Por isso sua importância no contexto histórico nacional dos poemas que propomos para este estudo.

Para acrescentar ao nosso estudo nos ateremos às teorias de Eliot que dizem que “A poesia pode ter significado social deliberado e consciente” (1945, p. 29) ou ainda nos apresenta a seguinte posição teórica que nos leva a pensar sobre a função social da poesia:

A má poesia pode ter um momento de sucesso se o poeta está refletindo uma atitude popular do momento; mas a verdadeira poesia sobrevive não só a uma mudança de opinião popular, como à total extinção do interesse nos assuntos que tão profundamente agradaram ao poeta. (1945, p. 31)

Para Eliot o impulso literário das línguas começou com a poesia, assim ela está ligada à expressão dos sentimentos e das emoções e que estes são particulares e gerais ao mesmo tempo, assim as emoções e pensamentos comuns nesta poesia expressam a língua comum ao povo, a todas as classes, a estrutura, o ritmo, o som, o idioma de uma língua bem como a personalidade de um povo. Ainda diz o poeta e estudioso que “Numa civilização saudável, a poesia maior terá algo a dizer a todos os cidadãos, em qualquer nível de educação.” (1945, p. 34)

Além disso, para Eliot, a poesia tem por função social o mais amplo sentido da palavra, já que a sua qualidade e vigor influenciam a linguagem e a sensibilidade de toda uma nação. Acrescenta ainda que a poesia, além de ter intenções específicas, tem nela a comunicação de experiências novas, expressões de coisas que sentimos para as quais não temos palavras, portanto ela amplia nossa conscientização ou apura nossa sensibilidade.

Acrescentamos também, contrapondo ao nosso estudo sobre poesia engajada, as teorias de Sartre que diz que “a poesia não se serve de palavras; eu diria antes que ela as serve” (1993, p.13) Além disso, para ele, os poetas se recusam a fazer uso da linguagem, pois esta é tida como instrumento em que se opera a busca da verdade. Ou que não se deve imaginar que os poetas pretendam discernir o verdadeiro ou dá-lo a conhecer, ou que eles tampouco aspiram nomear o mundo, pois não nomeiam nada por se tratar de uma tarefa sacrificante, os poetas não falam nem se calam, utilizam-se de linguagem-instrumento em atitude poética que considera as palavras como coisas e não como signo. Ou seja, para Sartre a poesia não é engajável, pois não busca a comunicação. Não concordamos com esta posição do filósofo a propósito da poesia, mas entendemos útil sua visão de engajamento do artista, por isso a adotamos.

O ponto relevante da pesquisa está em demonstrar através do estudo que a poesia engajada pode e tem por objetivo provocar no leitor indignação e o sensibilizar diante das ações políticas e sociais de um determinado tempo ou ideologia social existente na sociedade, também demonstrar através da poesia que cada poeta se encontra inserido em seu meio político, social e histórico em cada poema estudado. Tal demonstração nos é evidenciada pela voz do eu lírico dos poemas a que nos propomos a estudar.

2. CONTEXTO CULTURAL, POLÍTICO E HISTÓRICO:

Segundo Antonio Cândido, a quem parafraseamos, em sua obra denominada "Literatura e sociedade", a literatura brasileira no século XX se divide quase naturalmente em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945.

A primeira etapa pertence organicamente ao período que se poderia chamar pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922, enquanto as duas outras integram um período novo, em que ainda vivemos: sob este ponto de vista, o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é, da fase 1900-1922.

Comparada com a fase seguinte (1922-1945), a literatura aparece aí essencialmente como literatura de permanência. Conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais interessante, parece acomodar-se com prazer nesta conservação. A fase 1880-1900 tinha sido, em contraposição ao Romantismo, antes de busca de equilíbrio que de ruptura, esta, que a acompanha sem vigor, dá quase impressão de estagnar-se. Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos.

Eram os anos do pós-guerra, e a Europa festejava o retorno à felicidade dos primeiros anos do século. Não por acaso, a efervescência intelectual fez com que surgissem várias tendências artísticas. A arte moderna nasceu dessas várias tendências espalhando-se pelo mundo inteiro, chegando a influenciar inclusive o Brasil que, através dos modernistas de 22, aceitou e adaptou os chamados "ismos" europeus (Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo).

Para Antonio Cândido, o regionalismo, que desde o início do nosso romance constitui uma das principais vias de auto-definição da consciência local, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transformava-se agora no "conto sertanejo", que alcançava voga surpreendente. Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, ao pretexto de amor a terra, ilustrava bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o "conto sertanejo", que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu

respeito ideias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético.

Segundo ele, a poesia se apresentou, nessa fase, bastante solidária em espírito ao romance. Ao contrário do Naturalismo, que trouxe a este um vigoroso impulso de análise social, o Parnasianismo pouco trouxera de essencial à nossa poesia, apesar do grande talento de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa ou Vicente de Carvalho. Dera-lhe uma regularidade plástica maior, mas agravara a sua tendência para a retórica, aproximando-a do tipo de expressão prosaica e ornamental.

Também coloca em sua obra que como movimento estético e ideológico, o Simbolismo serviu de núcleo a manifestações espiritualistas, contrapostas ao Naturalismo plástico dos parnasianos. As tendências oriundas do Naturalismo de 1880-1900, tanto na poesia quanto no romance e na crítica, propiciaram na fase 1900-1922 um compromisso da literatura com as formas visíveis, concebidas pelo espírito principalmente como encantamento plástico, euforia verbal, regularidade.

Ainda na obra de Antonio Cândido, vemos que há na crítica literária o destaque de grandes nomes no período. Sendo a fase 1880-1900 destacada por suas três principais figuras: Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo. Estes haviam desenvolvido e apurado a tendência principal do nosso pensamento crítico, isto é, o que se poderia chamar a crítica nacionalista, de origem romântica. Como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional; tanto mais quanto se tratava aqui, também, da construção de uma consciência literária. A nossa crítica, rudimentar antes de Sílvio Romero e do Naturalismo, participou do movimento por meio do "critério de nacionalidade", tomado como elemento fundamental de interpretação e consistindo em definir e avaliar um escritor ou obra por meio do grau maior ou menor com que exprimia a terra e a sociedade brasileira.

Também sob o contexto de 1922, Paulo Sérgio do Carmo em sua obra "História e ética do trabalho no Brasil" relata que neste ano fundava-se o Partido Comunista, mas sua vida legal é efêmera. Pois meses após a sua criação, é colocado na ilegalidade e até 1927 os comunistas estavam em busca de estratégias políticas adequadas à causa operária. Sua atuação no meio sindical visava dar orientação política às reivindicações operárias, ao mesmo tempo que disputavam

com os anarquistas a liderança do movimento. Só em 1929, porém, é que voltam a ocorrer greves de importância, lideradas tanto por comunistas quanto por anarquistas.

A crise provocada pela quebra na bolsa de Nova Iorque em 1929 ocasionou quedas dos índices econômicos em todos os países ocidentais. Todos sofreram em alguma medida as consequências em função do desastre financeiro norte-americano. A recessão e miséria substituíram as altas taxas de crescimento que, mesmo que de forma desorganizada, tinham sido alcançadas até então.

Os países europeus que mais se ressentiram desses fatos foram aqueles já atingidos pela derrota na Primeira Guerra. Neles, começam a ganhar corpo doutrinas totalitárias e salvacionistas. O nazismo alemão e o fascismo italiano conseguiram espaço político cada vez maior ao longo da década de 30. Com uma política belicista e uma propaganda racista, essas doutrinas acirraram ainda mais os descontentamentos decorrentes das questões mal resolvidas após a Primeira Guerra, canalizando assim a insatisfação generalizada com a crise econômica. As consequências são conhecidas: em 1939 aconteceu a Segunda Guerra Mundial.

As pesquisas desenvolvidas a partir das descobertas de Freud têm continuidade nas obras de outros autores, a Psicanálise permaneceu viva e influenciando decisivamente a vida cultural do período. Por outro lado, ao longo da Segunda Guerra, impôs-se a parte da Europa o poderio político da Rússia. Após a Revolução de 1917, o país foi considerado uma das superpotências mundiais. A admiração pelo modelo soviético cresceu no mundo inteiro. Admitindo os russos como aliados na guerra, os países ocidentais foram obrigados a permitir a propaganda comunista. Ao lado da Psicanálise, o Marxismo se constituiu em outra grande linha filosófica de influência no mundo das artes.

No Brasil, o período compreendido pelo segundo tempo do Modernismo (1930-1945) contou com um poder centralizador muito forte na figura do presidente e ditador Getúlio Vargas. Único governante da Nação ao longo de todo período, Vargas chegou ao poder através da Revolução de 1930. O movimento tinha como principal alvo a antiga “política dos governadores”, adotada no tempo de Campos Sales, que eternizava, nos governos regionais, políticos que usavam sua influência para favorecer o governo nas votações do Congresso. Derivou-se daí a chamada “política do café com leite” que alternava na presidência nomes ligados a São Paulo

e Minas Gerais. Em 1937, com o golpe do Estado Novo, Vargas cancela eleições prometidas, mantendo-se no governo como ditador até 1945.

Nesse ano, as mesmas forças que lutavam contra as ditaduras nazi-fascistas europeias passaram a questionar a validade de sustentar internamente outro regime ditatorial. A pressão para que Vargas renunciasse fez com que o governo promovesse eleições democráticas. No entanto, até isso acontecer, o país viveu quinze anos de repressão institucionalizada, com perseguições políticas e censuras de todos os tipos. Era impossível aos artistas permanecerem alheios a este quadro.

O poeta Mário de Andrade, líder da primeira geração modernista, reconheceu que uma das limitações do movimento, em seu primeiro momento, era seu gradativo distanciamento do povo. Segundo o escritor, isto acontecia em função de excessivas preocupações de reformulação formal da arte brasileira, absorvidas e compreendidas apenas por uma elite.

Logo depois, o Modernismo tornou-se mais politizado, produzindo uma literatura que colocava no centro a preocupação social, reduzindo a importância que até então se dava às reflexões de ordem estético-formal. A marca dessa geração começou a ser moldada em 1926, com um congresso de escritores nordestinos, que defendia a criação de um regionalismo crítico, sem abandonar as conquistas da geração anterior.

O neo-realismo, como também ficou conhecido o período ficcional relativo à década de 30, mostrou uma literatura comprometida com os temas regionais, principalmente ligados ao nordeste brasileiro. Assim, relações de trabalho arcaicas, exploração, opressão, banditismo, coronelismo, cangaço, seca, miséria, fome eram assuntos que dominavam os romances da época.

Na revolução de 1930, foi empossado Getúlio Vargas como presidente, assumindo o poder durante a crise econômica mundial de 1929. Com a crise, o pensamento capitalista de que o mercado deveria agir livremente para promover um maior desenvolvimento e crescimento econômico, foi mudado para o pensamento de que o estado poderia atuar diretamente na economia, evitando novos sobressaltos. Essa prática de intervencionismo estatal na economia é conhecida por keynesianismo.

Em 1934, Getúlio Vargas promulgou uma nova constituição, que beneficiava o trabalhador, destacando-se a criação do salário mínimo, as férias remuneradas e o descanso semanal remunerado. Vargas, com o apoio das elites agrárias e industriais, conseguiu aprovar uma nova Constituição em 1937, que o manteve no poder como ditador até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as indústrias dos setores de metalurgia, borracha, transportes e minério não-metálicos conseguiram grandes índices de crescimento, pois produziam os principais produtos que o Brasil enviava às tropas aliadas no conflito. O saldo positivo na balança comercial, obtido durante a Segunda Guerra Mundial, foi queimado no decorrer do governo Dutra, com a importação de máquinas e equipamento para a indústria mecânica e têxtil, havendo o re-equipamento do sistema de transportes.

Após a II Guerra Mundial, a imagem de um mundo disperso e fragmentado influenciou diretamente nas produções poéticas, tornando-se a expressão crítica da negação do mundo, de dilaceramento do ser e da busca de sentido. A poesia, sem rumo, é abafada pela modernidade, e a literatura surge como uma alternativa para a re-humanização da sociedade. Mais do que nunca, a poesia torna-se descartável e se fecha ao injusto sistema capitalista. Inserida neste contexto se dá a poesia engajada, aquela que atendendo ao apelo de um contexto sócio-político de repressão e arbitrariedade, deixa para um segundo plano as preocupações do código estético em prol de mensagens supostamente subversivas, dentro de um limite entre a liberdade de criação e a exigência de comunicação didática, se faz na forma de uma poesia como instrumento fomentador de mudanças sociais.

O período de 1945 a 1970 foi assinalado pela industrialização intensa do país e pela lenta, mas inexorável marcha da população do campo rumo às cidades, configurando o crepúsculo de um Brasil eminentemente rural, arcaico, patriarcal e a emergência de um novo Brasil de feição capitalista e moderna. Se na década de 1940, cerca de 60% dos brasileiros ainda viviam na zona agrária, no início dos anos 60, mais de metade da população já estava no mundo urbano.

Esta migração, combinada com o aumento de expectativa média do homem brasileiro - decorrente da melhoria de condições de saúde pública (água potável, esgotos, atendimento médico, alimentação diversificada, etc.) - transformou pequenas cidades, quase sempre provincianas, em metrópoles agitadas, cheias de

contrastes e com grande densidade populacional.

As capitais brasileiras tornaram-se palco de infinitas oportunidades de realização econômica. Arrivistas, ambiciosos, ou apenas sonhadores, milhares de homens e mulheres, especialmente jovens, buscaram um lugar ao sol na nova ordem capitalista, que se forjava no Sudeste e no Sul da nação. Muitos triunfaram no comércio, na indústria, nos serviços. Muitos, no entanto, fracassaram, em geral devido a sua pouca base educacional, passando a constituir o núcleo humano das primeiras favelas nos morros ou na periferia dos grandes centros.

Dentro de um contexto de sistema capitalista há a publicação do poema “Operário em construção” de Vinicius de Moraes. Uma crítica sobre o papel do operário no processo de construção do país na era do progresso. Época de recomeço para os brasileiros com a eleição do mineiro Juscelino Kubitschek para a Presidência da República, em 1955. Seu lema: “Crescer 50 anos em 5 anos”, eletrizou a nação e, pelo menos na área industrial, mostrou-se extraordinariamente viável. O presidente esteve no poder entre 1956 e 1960. Consciente de que o modelo nacionalista de desenvolvimento adotado por Getúlio Vargas se esgotara, o novo presidente buscou no exterior, no capital produtivo externo, a fonte maior de crescimento industrial do país. Adotando uma agressiva política de incentivos fiscais e financeiros, oferecendo às empresas estrangeiras a possibilidade de um expressivo mercado interno, ampliando a infra-estrutura com a produção de mais energia e abertura de estradas, criando assim um clima favorável para a expansão industrial.

Já o poema de Thiago de Mello “Estatutos do homem” foi publicado em tempos do Regime militar pós-64. O período da política brasileira em que militares conduziram o país. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da prática de vários Atos Institucionais que colocavam em destaque a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar. A Ditadura militar no Brasil teve seu início com o golpe militar de 31 de março de 1964, resultando no afastamento do Presidente da República, João Goulart, e tomando o poder o Marechal Castelo Branco.

Com a Ditadura Militar, a liberdade de expressão e de organização era quase inexistente. Partidos políticos, sindicatos, agremiações estudantis e outras

organizações representativas da sociedade foram suprimidas ou sofreram interferência do governo. Os meios de comunicação e as manifestações artísticas foram reprimidos pela censura. A década de 1960 iniciou também um período de grandes transformações na economia do Brasil, de modernização da indústria e dos serviços, de concentração de renda, de abertura ao capital estrangeiro e do endividamento externo. Usar a arte como instrumento de agitação política - caminho apontado pelo Centro Popular de Cultura da UNE no início dos anos 60 - acaba tendo vários seguidores. Os festivais de música do final dessa década revelam compositores e intérpretes das chamadas canções de protesto, como Geraldo Vandré, Chico Buarque de Holanda e Elis Regina. O cinema traz para as telas a miséria de um povo sem direitos mínimos, como nos trabalhos de Cacá Diegues e Glauber Rocha. No teatro, grupos como o Oficina e o Arena procuram dar ênfase aos autores nacionais e denunciar a situação do país. Com o AI-5, as manifestações artísticas são reprimidas e seus protagonistas, na grande maioria, empurrados para o exílio. Na primeira metade dos anos 70 são poucas as manifestações culturais expressivas, inclusive na imprensa, submetida à censura prévia.

Durante o regime, a censura à produção cultural passa a perseguir qualquer ideia que fosse contrária aos interesses dos militares, até mesmo aquela que não tivesse conteúdo diretamente político. Atinge, em cheio, o teatro, o cinema, a literatura, a imprensa e a música. Nadando contra a maré, o cenário artístico cresce e se profissionaliza. Grandes festivais ascendem com suas músicas de protesto, de veia nacionalista. Os órgãos censores, porém, não se interessavam por divergências estéticas ou ideológicas. Com o País nas mãos, os militares implantam um projeto repressivo composto por um forte esquema de informações intragoverno. É importante, no entanto, ressaltar que a censura musical, inserida no setor com a denominação de Divisão de Censura de Diversões Públicas, não foi algo novo. “Desde o Estado Novo a censura prévia vigiava de perto a música popular. Canções de teor político só eram divulgadas pelo rádio quando elogiosas ao Estado.

3. “E agora José?”

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro - MG, em 31 de outubro de 1902. De uma família de fazendeiros em decadência, estudou na

cidade de Belo Horizonte e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo RJ, de onde foi expulso por "insubordinação mental". De novo em Belo Horizonte, começou a carreira de escritor como colaborador do Diário de Minas. Nos primeiros livros *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), a dominante é a individualidade do autor. Torturado pelo passado, assombrado com o futuro, ele se detém num presente dilacerado por este e por aquele, testemunha lúcida de si mesmo e do transcurso dos homens, de um ponto de vista melancólico e cético. O poeta trabalha, sobretudo com o tempo, em sua cintilação cotidiana e subjetiva, no que destila do corrosivo. Em *Sentimento do mundo* (1940), em *José* (1942) e, sobretudo em *A rosa do povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima apreensão para com a vida como um todo. A surpreendente sucessão de obras-primas, nesses livros, indica a plena maturidade do poeta, mantida sempre. A partir do livro *Sentimento do Mundo – 1940 –* a perspectiva mudou, pois sua inserção no mundo, com a vinda para o Rio de Janeiro, permitiu ao poeta uma integração maior com as questões novas da Guerra e da repressão do regime Vargas, além da percepção das engrenagens do capitalismo.

No contexto histórico da década de 1940 foi publicado o poema "E agora José?", de Carlos Drummond de Andrade, onde o poeta questiona sobre o vazio da existência humana, o esvaziamento perante o progresso, em que o trabalhador desenvolvido pelo capitalismo não vê razão para a falta de espaço que o sistema gerou. O poema trata da solidão do homem, revelada pela angustiante pergunta que não pode ser respondida, pois "a luz apagou... o povo sumiu... a noite esfriou"... A temática dos versos de Drummond neste caso trata do social resultante da visão dolorosa da realidade, a consciência do momento histórico produzindo uma indagação filosófica sobre o sentido da vida da qual só lhe vem uma resposta pessimista e extremamente dolorosa. O poema, pois, constata que o ser humano luta sempre para sair do isolamento e da solidão, resultado das experiências individuais e coletivas, além do momento histórico vivido pelo eu lírico e pelos homens a quem o poema retrata.

O poema foi publicado em tempos de atuação do Estado Novo no Brasil, quando ocorreram inúmeros acontecimentos políticos e econômicos que

assinalariam a sociedade brasileira tais como a repressão política, o preconceito institucional, a precariedade das condições de trabalho, a modernização industrial, a implantação e a afirmação de condutas autoritárias, a urbanização dispersiva. Essas situações agravavam a miséria da população e resultaram em disjuntura social salientando a já presente desigualdade, privilégios concedidos a parte da sociedade, intensificando a formação de classes opressoras e oprimidas.

O poema de José derivou do estado de um homem que já não se ambientava em seu espaço social, era um símbolo de massificação do sistema capitalista, de uma época de homens tratados como objetos de produção, não de homens sujeitos da sua própria história. Como podemos perceber na obra “História e ética do trabalho no Brasil” de Paulo Sérgio do Carmo ao relatar que: “Os indivíduos passaram a participar de uma economia racional de mercado, em que a conduta deve ser orientada por interesses individuais centrados na competição”(1998,p.24).

A figura de José representa o problema coletivo. Alguém que vive no anonimato, não tem sobrenome, não sabe de onde veio nem para onde vai num sistema que passa a transfigurá-lo, onde o seu ser não importa mais, não interessa quem é este ser social somente o que pode produzir. A centralidade do poema está na reflexão sobre um José que resiste e segue vivendo.

Os cinco primeiros versos demonstram o esvaziamento na sensação de perda evidenciada na sequência de imagens denotadas em situações sem saída. Quando José é generalizado, tornando-se sem nome, serviria para designar o ser humano em geral, pois transmite a ideia de indiferença, em que José é apenas mais um no meio da multidão. Do verso nove ao verso onze, José tenta reagir, pois “zomba dos outros... faz versos... protesta...”, mas continua anônimo. Ele não é alienado nem indiferente aos acontecimentos sociais, já que seu anonimato lhe foi imposto. Porém José volta ao vazio sem carinho... sem mulher... sem discurso... Vive na desesperança já que, não podendo refugiar-se nem nos vícios, frustra-se ao perceber que o dia não veio... Esse novo dia significaria novas oportunidades, mudanças, um recomeçar. A hora certa de agir e da luta passou, quando percebe que “tudo acabou... tudo fugiu... tudo mofou...” A esperança de mudança se foi, a rotina e a monotonia não o deixam realizar-se como ser humano. Ao encerrar o poema com antíteses, percebemos no eu lírico que os sentimentos opostos representam conflitos que não são solucionáveis e ainda podemos perceber o apego

ao material, característica suscetível ao capitalismo que começa a se desenvolver no período: “sua gula (de alimento ou desejo) e jejum (abstenção de realização)... sua biblioteca (conhecimento do novo)... sua lavra de ouro (representação da riqueza aluída pelo capitalismo)...” que se faz incoerente com seu “terno de vidro”, um tipo de linguagem simbólica usada pelo poeta para representar o quanto José é vulnerável e frágil diante da sua realidade vazia e sem sentido. Alguém que pode possuir coisas materiais, mas não entende o porquê disso tudo, o objetivo real de tanto querer, se sempre se acaba em vazio existencial. E o vazio na existência de José continua na chave que não tem porta, no desejo de morrer num mar que já secou, numa volta para Minas que já não é mais como ele, o poeta Carlos Drummond de Andrade, havia deixado em sua infância vivida por lá.

Na penúltima estrofe do poema há a utilização de verbos no imperfeito do subjuntivo compondo a idealização de uma possibilidade de mudança que os versos seguintes desconsideram. Evidenciando assim que não há resolução para a dúvida de José com relação ao futuro, já que a sociedade se encontrava desestruturada e em conflito devido aos mandos e desmandos da elite que procurava ater-se às exigências do mercado capitalista que não se importava nem um pouco com as crises existenciais da humanidade. Ainda podemos perceber que há no poema uma série de desencontros marcada profundamente pelo ceticismo, então José deveria gritar, gemer, cansar, dormir, tocar valsa vienense, enfim, reagir de qualquer forma. Entretanto, José assume para si a passividade extrema sem manifestar ação alguma, pois se encontra sem fé religiosa “sem teogonia”, sem ter apoio “sem parede nua para se encostar”, sem recursos para fugir “sem cavalo preto que fuja a galope”. Assim ele continua a marchar sem rumo, sem ter aonde chegar, sem direção.

Quanto ao valor social do poema, Antonio Cândido (1980) afirma que pelo fato de o artista estar inserido na sociedade, ele necessariamente reproduz o ambiente em que vive e ao mesmo tempo interfere nesse contexto na medida em que age ou cria uma obra literária. Neste caso, ainda segundo o estudioso, o escritor seria uma espécie de arauto da sociedade, pois foi dada a ele a incumbência de retratar, nesta circunstância, por meio da literatura, os anseios, os desejos e as vontades do grupo social ao qual pertence.

Portanto, Drummond representa bem o seu papel tanto de mensageiro de seu grupo social quanto de ser social inserido em seu meio. O autor do poema coloca-se como um representante dos descontentes em relação ao contexto político e econômico do seu país no período em que decorria a sua história e a história de seu povo.

Segundo Sartre “o escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar”. Assim, se pensarmos o poema nos atemos à teoria de que “não se pode desvendar senão tencionando mudar” (1993, pág.20), ou seja, ao desvendar o sistema por meio da poesia, tenta-se mudar a sensação de vazio provocada pelo capitalismo. Percebemos que o poeta de José “abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana” (Sartre, 1993, pág. 20). Sartre ainda pensa que “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”, fato que nos fica claro no poema de Drummond.

Portanto o poema realiza sua função social de reflexão sobre a sociedade, de provocação e resistência às ideologias dominantes, além de conscientizar, provocar reflexões e indagações sobre os valores sociais existentes no contexto histórico do autor do poema.

4. “Operário em construção”

Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, conhecido como Vinicius de Moraes, nasceu em 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro, com ascendência nobre e de dotes artísticos. Formou-se em 1933, ano no qual teve seu primeiro livro publicado “O caminho para a distância”. Estudou Literatura Inglesa na Universidade de Oxford, no entanto, não chegou a se formar em razão do início da Segunda Guerra Mundial. Ao retornar ao Brasil, morou em São Paulo, onde fez amizade com Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade e também efetivou o primeiro de seus nove casamentos. Logo após algumas atuações como jornalista, cronista e crítico de cinema, ingressou na diplomacia em 1943. Por causa da carreira diplomática, Vinicius de Moraes viajou para Espanha, Uruguai, França e Estados Unidos, contudo sem perder contato com o que acontecia na cultura do Brasil.

Foi um dos fundadores do movimento revolucionário na música brasileira, chamado de “Bossa Nova”, juntamente com Tom Jobim e João Gilberto. Com essa nova empreitada no mundo da música, Vinicius de Moraes abandonou a diplomacia e se tornou músico, compôs diversas letras e viajou através das excursões musicais. Vinicius de Moraes também escreveu poesia social, ou seja, uma poesia engajada, preocupada com os problemas enfrentados pela população.

Um bom exemplo do envolvimento de Vinicius de Moraes nessa área é o poema Operário em Construção (1956). Nesse poema o escritor usa uma linguagem simples e direta. Além de se mostrar solidário com a classe oprimida, demonstra ser conhecedor da ideologia socialista, muito em moda nessa época.

O poema “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes, descreve o trabalho como base da vida humana, onde nos é apresentado um operário que passa a tomar consciência do seu papel enquanto construtor do progresso, através do trabalho de suas mãos. Decorre daí a percepção de que é um ser social construtor da sua história, e então começa a resistir quando age por meio da palavra “não” às circunstâncias adversas de sua realidade e às proposições de seu patrão. O eu lírico transmite a inquietação de um homem através da temática do trabalho. Esse homem faz questionamentos usando a linguagem como uma solicitação original da consciência, uma agitação interior do sujeito que se volta para si mesmo em constante busca, e que olha em torno e no que vê identifica o que é, e encontra na existência do seu trabalho o sentido para sua vida.

Partindo da epígrafe do evangelho de Lucas, o poema relata o encontro de Jesus com o diabo, quando este lhe oferece poder e riqueza fazendo de certa maneira uma alusão ao capitalismo, em que o operário oferece o seu trabalho em troca de dinheiro e se vê escravo dele, pois tudo o que faz não vale nada para o patrão, ainda que lhe faça a fortuna que acumulou. O homem operário se perde no anonimato das construções em perfeita submissão à troca do seu trabalho pelos bens materiais.

No primeiro verso do poema, o pronome pessoal “ele” generaliza o operário como a representação do grupo social dos trabalhadores, cuja mão-de-obra é socialmente desvalorizada. Na primeira estrofe já se percebe o desejo de liberdade social que nos é representado pelo pássaro sem asas que está preso pelo poder das

mãos (trabalho). A ideologia capitalista o faz escravo do trabalho onde é livre para vender sua capacidade de construir e fica aprisionado por ela.

O poema descreve o processo da tomada de consciência de um operário, partindo de uma situação de completa alienação, que neutraliza sua ação enquanto ser social e o afasta da realidade, em que “tudo desconhecia/ de sua grande missão”, sem saber “que a casa que ele fazia/ sendo a sua liberdade/ era sua escravidão”. É um dos poemas líricos comprometido com o cotidiano em que o eu lírico inicia mostrando o desconhecimento da importância da profissão do operário por ele mesmo. Narra a alienação de seu papel de operário na construção das coisas, que empilhava tijolos com seu suor e cimento: “mas ele desconhecia/ esse fato extraordinário:/ que o operário faz a coisa e a coisa faz o operário”. Ou seja, o operário constrói as coisas do progresso material e nas coisas que faz, ele revela quem é: um operário. Se inconsciente, o dinheiro que ganha passa a ser a coisa de construção do operário, do seu tempo, do seu trabalho, da sua ideologia; se consciente, outros valores se impõem.

O narrador adota uma perspectiva aparentemente contraditória, ao enobrecer o operário, como ocorre no terceiro verso, quando a comparação com o pássaro sugere que o próprio operário se ergue em sua lida: “ele subia com as casas / Que lhe brotavam da mão”, sugerindo que sua lida tem algo de espontâneo e prazeroso, imagem retomada pela ideia de liberdade no penúltimo verso dessa estrofe. Contudo, o narrador apoia-se numa perspectiva marxista sobre o trabalho para desvendar que o produto (a casa que ele fazia) torna-se também sua escravidão.

Segundo a teoria de Marx, o capitalismo efetivamente produziu o trabalhador 'livre' e está despojado de todos os meios e instrumentos de produção, de todas as posses e propriedades, restando-lhe apenas a “liberdade” de vender sua força de trabalho. A escravidão está conjugada à alienação, pois o operário desconhecia o alcance e o valor de sua obra.

Portanto, há possibilidade de resgatar a ligação sujeito-objeto, cujos referenciais são fornecidos pela análise hegeliana, trazidos por Marx à realidade empírica e intensificados na relação entre teoria e prática. Essa relação é levada por Marx às últimas consequências na sua análise da economia capitalista, ao afirmar que nesse sistema de produção e de troca, o sujeito transfere sua humanidade ao

objeto que, por sua vez, objetifica o homem. Ao mesmo tempo em que a mercadoria adquire independência e torna-se válida por si, o homem se desumaniza ao perder sua essência e ser obrigado a se vender no mercado de trabalho.

O eu lírico se conscientiza que um humilde operário era responsável pelos objetos que estavam a sua mesa “garrafa, prato, facão/ era ele quem fazia” , por tudo que estava ao seu redor “ banco, vidro, janela, casa, cidade, nação” que todas as coisas tinham sido por ele construídas “tudo, tudo o que existia/ era ele quem os fazia/ ele, um humilde operário/ um operário que sabia exercer a profissão”. Podemos entender que o trabalho do operário é também uma expressão, uma materialização de sua subjetividade. Nesse sentido, retomemos o conceito de praxis onde: “ação em que o agente e o produto de sua ação são idênticos, pois o agente se exterioriza na ação produtora e no produto, ao mesmo tempo em que este interioriza uma capacidade criadora humana, ou a subjetividade”. (Marx,1977, p.35)

Quando compreende o poder de suas mãos rudes e a sua grandeza enquanto operário, o indivíduo com autoconhecimento sente que poderia superar a dominação e transcender a ideologia imposta. Ao descobrir seu valor social, o operário percebe que tem nas mãos o poder de modificar o mundo, pois passa a enxergar além das aparências: “foi dentro desta compreensão /desse instante solitário/ que, tal sua construção/ cresceu também o operário”.

O crescimento do operário está atrelado à amplitude de percepção que adquiriu. O instante de compreensão solitário, parte do individual que se torna coletivo, a partir da auto-valorização do indivíduo este passa a influenciar o coletivo: “cresceu em alto e profundo/ em largo e no coração”... “o operário adquiriu uma nova dimensão:/ a dimensão da poesia”. Esta poesia tem suas raízes no emocional e a partir desta poesia “o operário dizia e outro operário escutava” e juntos aprendiam a dizer não, nos levando a perceber no poema indícios da poesia de resistência. Como nos relata Alfredo Bosi na obra “O ser e o tempo da poesia” sobre a poesia de resistência:

“A poesia resiste à falsa ordem, que é a rigor, barbárie e caos... resiste ao contínuo harmonioso pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte na poesia”.(2000, pág.146)

A liberdade consciente da percepção do eu lírico do poema começa quando o operário percebe as diferenças entre as suas coisas e as coisas do patrão, quando compara a sua vida à vida do patrão: “notou que sua marmitta era o prato do patrão/ sua cerveja preta era o uísque do patrão/ seu macacão de zuarte era o terno do patrão/ o casebre onde morava era o casebre do patrão”. Porém o operário adquiriu consciência política e social amadurecida e, fazendo-se forte, passou a dizer “não”.

O ápice do poema é o despertar do operário, que passa a compreender seu valor na sociedade, cresce interiormente, quando passa a dar atenção às diferenças de classe social e a resistir (começou a dizer não), apesar das tentativas de aliciamento do patrão. A violência sofrida pelo operário “teve seu rosto cuspidos/ teve seu braço quebrado...” faz menção referente à história de Jesus que por causa de seu trabalho foi perseguido e humilhado, mas também aos inúmeros operários que, por não obedecerem à ordem de produção vigente, foram punidos. No desfecho, a resistência do trabalhador transforma sua condição de alienado em construído, e podemos ler que o trabalhador tornou-se sujeito de sua ação, pois não foi **construído** por outro, mas se construiu e então a sua consciência social e política o fazem agente da sua história e continua a dizer não às ofertas de riqueza e poder que novamente aludem à citação bíblica da epígrafe do poema “Darte-ei todo esse poder e a sua satisfação/ porque a mim foi entregue e dou-o a quem quiser./...Será teu se me adorares...”. O operário construído por si mesmo, ele que estava em construção, agora está pronto, elaborado, maduro, capaz de enfrentar de igual para igual o patrão.

Quando o operário conta da transformação pela qual passou, a da sua construção, ele responde ao patrão que ele não pode lhe dar o que já é dele, ou seja, a sua liberdade de escolha, de criação, de mudança de ideologia. O operário observa que toda a sua construção se dá por suas mãos, suas ideias, sua capacidade de ser e de fazer. Também percebe que seu patrão enxerga tudo com olhos de lucro e não como ele, que passou a ver além das aparências e da sua vida, ele se vê como alguém responsável pela vida dos que padeceram e dos que passaram a ter esperanças após a sua atitude de dizer não. A construção do operário se dá em um novo perfil de homem, aquele que, engajado no mundo, se faz consciente, participante ativo da sua história e do seu meio.

Neste contexto o poeta encerra a edificação poética do operário cuja reflexão nasceu a partir da realidade do meio para transformá-la, através da resistência e da tomada de consciência, do ser social que passou de mero espectador da vida social, para um ser social atuante e personagem principal da sua própria história. Além disso, o poeta em sua poesia social sob a forma de poesia engajada preocupou-se com os problemas enfrentados pela população sobre a valorização do trabalho, um bom exemplo do envolvimento de Vinicius de Moraes que comprova a teoria de Bosi que diz que “o poeta é doador de sentido”, pois a ideologia do poeta sobre seu modo de vislumbrar o trabalho deu sentido ao trabalho como abordado no poema.

5. “Estatutos do homem”

O autor do poema Thiago de Mello nasceu na cidade de Barreirinha, no coração do Amazonas, no dia 30 de março de 1926. Em Manaus, capital do Estado, fez seus primeiros estudos. Mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ), onde cursou a Faculdade de Medicina até o quarto ano. Acabou optando por deixar os estudos médicos e dedicou-se à poesia. Conhecido internacionalmente por sua luta em prol dos direitos humanos, pela ecologia e pela paz mundial, o autor foi perseguido pela ditadura militar implantada no Brasil em 1964. Foi obrigado a deixar sua terra, tendo se exilado no Chile, até a queda de Salvador Allende. Seus trabalhos foram publicados no Chile, Portugal, Uruguai, Estados Unidos da América, Argentina, Alemanha, Cuba, França e outros mais. Traduziu para o português obras de Pablo Neruda, T. S. Elliot, Ernesto Cardenal, César Vallejo, Nicolas Guillén e Eliseo Diego.

Em 1951, com o livro “Silêncio e Palavra”, irrompe vigorosamente no cenário cultural brasileiro e de pronto recebe a melhor acolhida da crítica. O correr dos anos só fez confirmar suas qualidades e justificar os elogios com que fora recebido pela crítica brasileira. O amadurecimento permitiu ao poeta mergulhar profundamente as raízes da sensibilidade e da consciência crítica na rica seiva humana de um povo ao mesmo tempo tão explorado, tão sofrido e tão generoso como o nosso, e sua poesia, sem perder o sóbrio lirismo que a inflamava, ganhou densidade e concentração, pondo-se por inteiro a serviço de relevantes causas sociais. A poesia de Thiago de Mello vincula-se à terceira geração do Modernismo e é marcada pelo

engajamento político e pela preocupação social, características também presentes em suas crônicas.

No poema “Estatutos do homem”, fica clara a resistência do poeta ao sistema no qual ele se encontrava, como alguém que perdeu a liberdade por conta das ideologias políticas de seu tempo. O poema faz alusão a várias temáticas relacionadas às vidas, social e política do homem, também demonstra ser uma obra marcada por questões existenciais e de extremo engajamento social.

No subtítulo já notamos a alfinetada fazendo menção à ditadura militar, quando intitula o poema como “Ato Institucional Permanente”, pois o período foi tomado de atos institucionais (decretos) forjados pelo governo para reprimir a todos aqueles que ousassem contra o sistema a que o país fora submetido. Sua ideologia é estampadamente humanista e extrapolou com a divisão do mundo pós II Guerra Mundial, procurando assim, entendimento num mundo que teve os sonhos despedaçados, mas de esperanças renascidas após o conflito mundial. Como boa parte da geração modernista de 45, a poesia de Thiago de Mello traz consigo a beleza amarga vivida pela ditadura, demonstrando uma enorme inquietação com a condição humana e a solidão que sofrera no exílio ao qual fora obrigado.

No artigo II do poema, já que muito sugestivamente vem dividido e nomeado desse modo e não por estrofes, nos deparamos com o desejo do poeta de um mundo melhor e menos sofrido, onde “as quintas-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo”. Tal desejo segue pelos dois artigos seguintes, onde “haverá girassóis em todas as janelas”. Quando menciona o fato de “os girassóis terão o direito a abrir-se dentro da sombra” ou ainda que “as janelas devem permanecer, o dia inteiro abertas para o verde, onde cresce a esperança”, refere-se claramente à liberdade tirada dos que foram exilados para outros países ou ainda aos que foram presos por conta de ousarem fazer uso da sua liberdade de expressão que fora tomada pela censura.

No artigo V, o eu lírico afirma que os homens, após o decreto, “estarão livres do jugo da mentira ou nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio ou a armadura de palavras”. As metáforas utilizadas, “couraça do silêncio e armadura de palavras”, referem-se à censura e ao Golpe Militar de 64, que culminou em golpe de Estado e interrompeu o governo de João Goulart, também conhecido como Jango, eleito democraticamente, vice-presidente pelo PTB. Lembrando que o autor Thiago

de Mello foi perseguido pela ditadura militar implantada no Brasil em 64, tendo se exilado no Chile. Então mentir e censurar são dois verbos condenados pelo poeta.

O artigo de VI faz alusão à Bíblia e às palavras escritas pelo profeta Isaías sobre o desejo de paz e harmonia sonhada pelo profeta e pelo poeta em que “lobo e o cordeiro pastarão juntos, e a comida de ambos terá o gosto de aurora”. Do artigo VII ao IX permanecem os almejos de paz, justiça, amor, alegria, esperança.

No artigo X “Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, o uso do traje branco”. Nos textos simbolistas, o branco simboliza pureza, espiritualidade, sonho. O artigo XII faz menção novamente à censura e “decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido”. Fica explícito neste artigo o anseio do eu lírico em poder se manifestar a respeito do que pensa sobre seu país, sobre a política, sobre os desmandos dos governantes, ou até calar-se, se esta for a escolha. Como nos relata Alfredo Bosi na obra “O ser e tempo da poesia” quando fala da poesia de resistência, e menciona que esta resiste:

“quer refazendo zonas sagradas que o sistema profana (o mito, o rito, o sonho, a infância, Eros); quer desfazendo o sentido do presente em nome de uma liberação futura, o ser da poesia contradiz os ser dos discursos correntes. (Ainda que nem sempre possa impedir de todo que um ou outro pseudo valor formal vigente – e, daí, obliquamente ideológico – venha a cruzar o seu jogo verbal.) (2000, p.146)

Há ainda no poema o fator resistência no artigo XII, onde o eu lírico se posiciona sobre o modelo capitalista vigente, ao tempo do autor e ao sistema político da época “fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras”. Estes versos evidenciam o capitalismo como algo de uma essencialidade maior que a existência, já que o dinheiro parece poder comprar até a luz do sol.

Nos penúltimo artigo seguem as metáforas do “baú do medo” que poderia ser justificado pelas prisões ocorridas em meio à ditadura. Ou ainda o “dinheiro que se transformará em uma espada fraternal”. Um verso como este poderia aludir a um sistema contrário ao capitalismo, onde a divisão de bens seria igualitária, comum a todos. O verso “de defender do direito de cantar” nos traz menção à liberdade absoluta dos artistas, que se tornaram subversivos aos olhos do governo, sem que pudessem se expressar pela arte de suas músicas.

Concluimos, no fechamento do poema, no artigo final, que tal artigo nos esclarece a intenção exata do poeta na sua expressão artística, o desejo de semear nas pessoas a convicção da liberdade que “será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e sua morada será sempre o coração do homem”.

Neste caso percebemos a clareza da poesia de resistência que trabalha, como nos diz Alfredo Bosi, a linguagem da infância recalçada, a metáfora do desejo, o texto do inconsciente, a grafia do sonho. Também sobre poesia de resistência Bosi nos acrescenta que “a poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam” (2000, p.150). Assim tentamos comprovar através do nosso estudo que a poesia resiste à ideologia dominante de seu tempo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfredo Bosi na obra “História Concisa da Literatura Brasileira”(1994) nos revela que renovar a linguagem está no cerne das preocupações e dos projetos de todos. Porém nos relata também a subsistência divergente e sensível sobre o modo de entender as fronteiras entre a poesia e não poesia, sobre o tipo de mediação que se deve propor entre o ato estético e os demais atos humanos (éticos, políticos, religiosos, vitais), ou ainda sobre as relações que se podem estabelecer entre o poema e o objeto de consumo.

Assim concluimos pelo presente estudo que a poesia apresentada é engajada, e que os poetas presentes em nosso relato, atendem ao apelo de seu contexto sócio-político de repressão e arbitrariedade sem, contudo, abandonarem as preocupações estéticas em prol de mensagens supostamente subversivas, mas, acreditando na poesia como instrumento fomentador de mudanças sociais, os autores mantêm a qualidade estética de sua criação. Na atmosfera da consciência crítica ou polêmica, a poesia assumiu papel filosófico, de reflexão, como modo de indagar fatos sociais, de práxis ideológica, de superação e dialética. O engajamento dos poetas se deu pelo compromisso social que se propuseram com a ação revolucionária, onde a poesia transformou-se em arma de luta e resistência, pois o momento histórico e político do país chamavam a atenção para a realidade concreta do povo tomada pela miséria, pela fome, pela desilusão em meio ao sistema que ocasionava as injustiças sociais.

Em suma pudemos perceber nos poemas de Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e Thiago de Mello a configuração da chave para uma transformação social, pois os poetas denunciaram o cotidiano sofrido das pessoas com a convicção de que a sua produção poética podia auxiliar na mudança da sociedade. Demonstramos que os acontecimentos políticos refletiram em suas produções literárias tornando-as reflexivas, melancólicas e ao mesmo tempo maduras e conscientes. Os poetas, cientes das dificuldades existentes, precisaram viver o meio social e político de seu tempo, resistir e principalmente refletir sobre os acontecimentos coletivos. Assim, conscientes dos fatos cotidianos vistos da coletividade, participaram por meio da arte poética transformadora, como testemunhas de uma realidade injusta e dilacerada, e naturalmente a poesia passou a configurar-se como forma de protesto contra a desumanização característica do universo capitalista.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 20.ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.

_____. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940; 10a ed., RJ: Record, 2000.

_____. **Poesias (Alguma poesia, Brejo das almas, Sentimento do mundo, José)**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1.ed/2002

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix 34 ed., 1994.

CANDIDO, Antonio e CASTELO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e crítica**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CARMO, Paulo Sérgio do. **História e ética do trabalho no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1998.

ELIOT, T. S.. **A essência da poesia**. Tradução de Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

FEITOSA, Francisco José Soares. **Jornal de Poesia**. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#bio>> Acesso em: 17 fev. 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espírito**. In: **Os pensadores**. Tradução de Henrique Lima Vaz. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 8. ed. São Paulo: Difel, 1982.

_____. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução**. Revista Temas de Ciências Humanas, vol. II. São Paulo: Editora Gualbo, 1977.

MEIRELLES, Alexandre. **Alfredo Bosi - Vida e Obra** Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/biography/1659132-alfredo-bosi-vida-obra/>> Acesso em 20 fev. 2012.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORAES, Vinícius de. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NOGUEIRA Jr, Arnaldo. **Releituras resumo biográfico e bibliográfico**. Disponível em: <http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp> Acesso em: 16 fev. 2012.

_____. **Releituras resumo biográfico e bibliográfico.** Disponível em:
<http://www.releituras.com/tmello_menu.asp> Acesso em: 16 fev. 2012.

_____. **Releituras resumo biográfico e bibliográfico.** Disponível em:
<http://www.releituras.com/drummond_bio.asp> Acesso em: 16 fev. 2012.

PEDROSA, Célia de Moraes Rego. **Antonio Candido: a palavra empenhada.** São Paulo: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

POLETTI, Juarez. **Vozes poéticas do mundo do trabalho.** Curitiba: Juruá, 2011.

ROCHA, Andre; PELOSI, Gabriel e MOTA, Lucas. **Censura Musical.com.**
Disponível em: <<http://www.censuramusical.com/historia.php?include=h3>> Acesso em: 17 fev. 2012.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1993.